

## HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA



Na nossa humilde chronica nos referimos mais amplamente ao trabalho grandioso de *O Duque de Viçeu*, esse esplendido drama de Henrique Lopes de Mendonça, um talecto privilegiado, que começa a sua carreira litteraria pela fórma por que bem raros conseguem terminal-a.

Um exito assombroso e um enthusiasmo delirante, o que é igualmente assombroso por se não referir á questão de Braga e Guimarães, unico assumpto que durante os ultimos mezes tem, segundo os telegrammas, provocado no paiz *enthusiasmos delirantes*.

## CHRONICA



O *Duque de Vizeu* deixou de ser uma simples produção litteraria de primeira ordem para ganhar foros d'um verdadeiro acontecimento nacional.

Alem de constituir o assumpto de todas as noites no theatro de D. Maria, representa tambem cá fora o assumpto de todos os dias, de preferencia — aliás sensata — as politicas discussões de narcotico ram-ram.

Ora este acontecimento devia, a nosso ver, ser como que um *pschiu!* providencial que chamasse a attenção do governo, eternamente distrahida na samsaboria d'uma politica safada, para alguma coisa de proveito artistico e de utilidade popular.

Essa coisa denomina-se o theatro nacional, coisa que nós não temos e de que não deviamos prescindir. Está a affirmar-o O *Duque de Vizeu*, tanto na sua concepção grandiosa como na sua correcta execução.

Isto é: auctores que escrevem excellentes peças, de sabor e de estudo puramente nacional, não nos faltam graças a Deus; demonstrou-o hoje Lopes de Mendonça e hão-de demonstrar-o outros amanhã, logo que aos espinhos d'esse trabalho fadigoso correspondam as rosas da equivalente compensação.

Artistas que interpretem esses trabalhos valiosos, ahi os temos igualmente, como acaba de provar-o a companhia do theatro de D. Maria.

N'estes termos o que precisavamos nós?

Que o governo olhasse por esses elementos preciosos, os apadrinhasse e os protegesse, estimulando-lhes o natural valimento, em vez de os deixar andar por ahi ao Deus dará como o Bahia, entregues ao proprio esforço, que, por mais alevantado que seja, nem sempre terá folego para se guindar sósinho a pinaros muito elevados.

Nós temos um conservatorio com aula de declamação sustentada pelo governo e d'onde os discipulos sahem educados, indo exhibir as provas das suas habilitações artisticas ou nos sacifrés familiares, recitando o



Noivado de sepulchro com acompanhamento de piano, ou na interpretação de ariados de comedia traduzida — quando empresario complacente se amerceie da sorte dos pobresitos!

Da *troupe* ainda valiosa mas bastante cercceiada de artistas de merecimento resta-nos umas poucas de reliquias, as quaes, desprezadas por quem mais devera cuidar d'ellas, não tardarão talvez em bater as azas para algum relicario do estrangeiro...

Vem isto a pello da reforma denegada a João Rosa, um artista que nunca abandonou o theatro normal e a quem a lei garantia aquella recompensa.

A lei é absurda, confessamol-o; mas é lei e como tal respeitassem-n'a! Tanto mais que lhe haviam até já augmentado a *elasticidade* quando se cuidou de favorecer pretensões menos bem cabidas...

Mas o governo está tão costumado a pisar as leis a pés, sempre que se trata de praticar injustiças, que, mesmo tratando-se d'um acto de justiça, entendeu não dever agora abrir uma excepção ao tal sestro de pisar leis...

Já é mania de transformar a legislação do reino em cira de debilha...



D'este estado de coisas, necessariamente resultará que os artistas de verdadeiro merecimento, não tendo quem os arrebanhe, chamando-os ao redil d'uma protecção effectiva e d'um futuro garantido, andarão tresmalhados por ahi, até cahirem na bocca do lobo... d'uma escriptura para o Brazil...



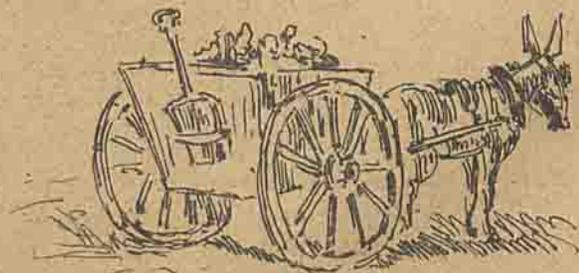
Em aos faltando os poucos que ainda restam e não existindo theatro nacional em que se criem e desenvolvam os muitos que já faltam, onde iremos buscar interpretes para produções verdadeiramente geniaes como O *Duque de Vizeu*?

Só se os importarmos do estrangeiro, como importamos os figurinos da moda e as latas de cogumelos...

E, na absoluta escassez d'esses interpretes, quem é que vae gastar aparos de pennas a escrever peças d'aquella ordem?

N'esse dia provavel, que talvez não venha longe, a arte e a litteratura dramatica terão em Portugal um pantheon sublime ás nove horas da manhã...

— E' a carroça do lixo...





Que diremos d'essa obra magistral que se chama *O Duque de Vizeu*, por fórma a debuxar-lhe com escrupulo todos os mil rendilhados singularmente genis de que se ornamenta a extraordinaria composição?

O alto merecimento d'esse trabalho traduz-se da attitude da nossa imprensa, quasi sempre alheia e indifferente ao movimento theatral, publicando apenas o noticiario que lhe vem feito da mão dos empregarios, e que acaba de se manifestar a um mesmo impulso em larga apreciação justamente encomiastica de *O Duque de Vizeu!*

A nossa admiração por aquelle trabalho gigantesco não sabemos manifestal-a com palavras mas exprimol-a d'esta fórma excepcional: escrevendo a serio—quer-nos parecer que pela primeira vez na nossa vida!



O desempenho de *O Duque de Vizeu* é incogavelmente extraordinario, advertindo a enorme responsabilidade de todos os personagens, até a mais insignificante das rabulas.

João Rosa encontrou no seu grandissimo talento e no seu estudo perseverante os elementos de alto valor artistico necessarios para o fiel esboço d'essa personalidade extranhamente grande chamada *D. João II*.

Nas scenas capitais, como nas menos importantes passagens do drama, sempre definido o mesmo caracter, sempre magestoso o mesmo vulto.

Brazão interpretou o personagem do *Duque de Vizeu* com uma nitidez deveras admiravel.

Apenas na scena que precede o final do 3.º acto nos pareceu emitir demasiadamente a sua voz vibrante, attenta a situação especial do personagem na conjunctura que representa.

De resto, sempre um artista distinctissimo, quer nas explosões violentas do inimigo de *D. João II*, quer nos arroubos affectuosissimos do amante de Margarida.

Amelia da Silveira teria no papel da rainha *D. Leonor* uma conquista notabilissima, se o desempenho d'esse personagem não fosse — mais de que uma conquista — uma simples revelação.

Porque a verdade é que um logar distincto, ao lado de artistas de primeira ordem, não se conquista assim d'um dia para o outro: obtem-se apenas quando o talento existe ignorado e se lhe proporciona o ensejo de manifestar-se.

Amelia da Silveira deu-nos no papel de *D. Leonor* uma prova incontestavel do seu precioso talento artistico, e essa revelação, além de representar uma agradável surpresa para o publico, representa tambem uma lição e uma censura para a empresa do theatro, que não soubera ainda adivinhar-lhe e utilizar-lhe os dotes.

Virginia foi o que sempre é: a actriz perfectissima, que accentua correctamente todos os personagens, mercê do seu estudo consciencioso e dos seus recursos excepcionaes.

Augusto Rosa um artista irreprehensivel no seu papel, pequeno mas importante, tão facil de decorar como difficil de comprehender e executar.

Carolina Falco discretamente na interpretação da *Infanta*, um personagem de alta responsabilidade, pela magestade que demanda a sua execução.

Finalmente, Antonio Pedro, Augusto Antunes, Silva Pereira, Torres, Joaquim Costa, e os mais, em summa, que tomam parte n'aquella magistral execução, esmeraram-se em não desmanchar esse bello conjuncto artistico, o que, como era natural, effectivamente conseguiram.

As scenas novas, pintadas por Manini, são d'um effeito magnifico e pena é que o scenário todo não corresponda á magestade da peça, sobretudo no que respeita a rigor historico.



Não fôra muito que o governo mandasse pintar por conta do estado o scenario rigoroso que falta ao *Duque de Vizeu*, para convidar a assistir a esse bello drama os estrangeiros que hão de visitar-nos por occasião do casamento do principe real — a não ser que projecte levá-los ao theatro do citado Principe Real, dando-lhes uma pansada de *Noites da India* ou coisa que o valha...



Terminando, diremos que o guarda roupa, feito sob a intelligente direcção de Carlos Cohen, é verda-



deiramente sumptuoso e rigorosamente ao nivel d'aquelle vasto conjuncto de preciosidades tanto litterarias como artisticas.

Em resumo; *O Duque de Vizeu*, deve viver por longas noites em scena, apesar do citado *Duque* morrer todas as citadas noites apunhalado na citada scena — como diria o legendario Mendonça e Costa.

# THEATRO DE D. MARIA DUQUE DE VIZEU



OS PRIMEIROS INTERPRETES D'ESTE GLORIOSO DRAMA



3.º 4.º ACTOS

2.º ACTO

5.º ACTO



AMARIL LEONOR - AMELIA DA SILVA



5.º ACTO

1.º 2.º ACTOS

3.º ACTO



D. JOAO 2 - 1.º ACTO



MARGARIDA VIRGINS



4.º 5.º ACTO



BISPO DE VOGRA - AUGUSTO ANTUNES



D. MANUEL



ANTAO DE FARIA - SILVA PEREIRA



LUCYERRES COUTINHO



ROY DE PINA - TAVRES



PERO D'ALEM OER - ANTONIO PEIRO



DIOGO TINOCO - AUGUSTO ROSA

PAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Ha meia hora que a nossa esvelta vizinha ali de-  
frente nos está deliciando o ouvido e desafinando a  
perna com a polka *Elvira*, uma recente e graciosa com-  
posição para piano, dedicada a Elvira Guerra, e que  
tem uns compassos capazes de fazer dançar pessoas  
mortas.

Desconfiamos até que era a esta polka que se refe-  
ria o auctor d'aquelles versos dos

«Dois esqueletos mirrados  
Dançando a polka janota  
Sobre a campa dos finados...»



## A PROCISSÃO DOS PASSOS

O caso passou de graça!  
Deu-se uma extranha passagem  
De bengalada e murrça  
Antes de dar-se a passagem  
Da imagem  
No andar dos Paços da Graça...

Foram heroes d'esse passo,  
Que aos bons passos corresponde  
E que eu jámais vi passar,  
Um ex-ministro do Paço  
E o visconde  
Do Paço do Lumiar

Passava o tal ex-ministro  
No Chiado, a passo brando,  
Do Baltresqui eis senão quando  
O Paço, de genio amargo,  
Sac sinistro  
Atraz d'elle, a passo largo.

Passou-se então passo grave  
Que até vedou a passagem  
E o povo uniu-se compacto  
P'ra os vêr, qual menos suave,  
Com coragem,  
Passando a vias de facto!

P'ra a vida, porém, do Paço  
Durante o excentrico passo  
Passou-se um p'riço maior:  
—Se ao Julio a furia não passa  
—Que desgraça!  
Passava-o d'esta a melhor!

Passa um guarda na passagem,  
Que faz passar o chinfrim;  
Passando os dois da carruagem  
A passar tardé aborrida  
No estarem  
Onde o vadio passa a vida!

Caras com muita passagem,  
Chapeus qual figo passado  
Eis o passo, a leves traços,  
Que se passou ao Chiado.  
Na passagem  
Da tal procissão dos Passos!

PAN-TARANTULA.

## CASOS, TYPOS E COSTUMES

### O SUICIDA

(Continuado do n.º antecedente)



Damnadinho por mulheres,  
De Branca ao secco torresmo,  
Foi o galhardo do alferes  
Fazendo pé de si mesmo.



Olhadellas, sinalefas,  
Tudo quanto amor recorda;  
E ella, occulta entre as sancfas,  
Da varanda a dar-lhe corda...



De Silvesrre no tugario,  
Com missiva p'ra o conchego,  
Finalmente entrou Mercurio  
—Sob a forma d'um gallego.

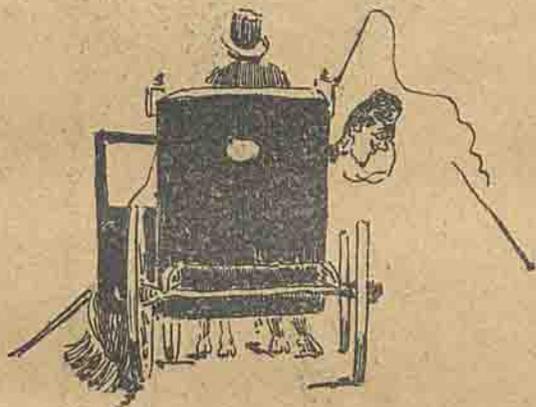


Branca, ao namoro dilecto  
Respondeu, segundo a practica,  
Com mil palavras de affecto  
Em mil erros de grammatica.

Um dia—que dia aquelle!—  
Combinaram da janella  
Ella á noite ir ter com elle,  
E elle raspar-se com ella!



Em seguida ao sol se pôr,  
Do prazer libando a taça,  
Lá vão, nas azas do amor...  
D'uma tipoia de praça...



E após tres horas aos tombos  
Dentro do trem, em commum,  
Em Cintra, o casal de pombos  
Pedia quarto p'ra um...



Silvestre, ao saber do rapto,  
Correu Lisboa sem circuito  
E não ficou mentecapto  
P'la razão de o ser ha muito.

E d'amor ardendo em zelos,  
O desditoso papalvo,  
Ia arrancando os cabellos  
Té ficar de todo calvo!



Vasculhou canto por canto,  
Estafou-se a bater matto,  
Co'os olhos pingando em pranto  
Como a Bica do sapato!



Perdido o alento—qual reu  
Forçado a eterno presidio—  
Disse, erguendo as mãos ao ceu:  
—Apenas resta o suicidio!!!



E, n'um ardor dos diabos,  
Foi a correr direitinho  
Á loja do Abreu dos cabos  
Comprar um cabo de linho...



M. Gustavo Fontello Pinh.

(Conclue no proximo numero)

## O DUQUE DE VIZEU

ACTO 5.º—Scena 9.ª

EL-REI (só)

..... O' Gloria que eu já sonho!  
 Hei-de apagar no throno esse laivo medonho,  
 Que o meu punhal gravou! Não é verdade, ó gloria?  
 Não ha de sobre mim jorrar a luz da historia  
 Quando eu puder erguer, co' a minha mão possante,  
 Acima das nações esta nação gigante?  
 O' minha patria! ó meu soberbo portugal!  
 Como é bello o porvir! O mundo oriental  
 Choverá sobre ti riquezas e perfumes,  
 Fóros de mil sultões e joias de mil lumes;  
 E no entretanto, os teus audazes marinheiros  
 Hão-de vencer o mar, intrepidos obreiros  
 Do teu poder immenso! Aos mysterios profundos  
 Do tenebroso Oceano hão de arrancar os mundos  
 Guardados por ciumento olhar de Deus! Veneza,  
 Castella, o globo inteiro, ante a nossa grandeza  
 Extaticos, virão curvâr-se a nossos pés!  
 E de um'té outro pólo o nome portuguez  
 Retumbará tremendo, assim como se fóra  
 O proprio olhar do Eterno! O' luz inspiradora,  
 Que me rasgas, clemente, as sombras do futuro,  
 Não me abandones, não! Que o teu fulgor tão puro  
 Como os raios do sol, enche o meu amplo peito  
 C'os soberbos clarões da força e do direito!  
 Ah! purifica a noção atroz, que vac manchar  
 Os degraus do meu throno, e da crepuscular  
 Sombra que ora me invade, ó meiga inspiradora!  
 Faze brotar a luz esplendida da aurora!

*Silencio.*

Pois que! hão-de cahir os magicos destinos  
 Da minha patria sob as mãos dos assassinos!  
 Tal não permittirei... nem Deus! familia e lar,  
 Affectos, compaixão... Sim! tudo hei de calcar  
 Sem remorço ou temor! Tudo isso quanto vale  
 Junto á gloria e ao poder do altivo Portugal?  
 E quando o mundo ler o meu pensar ingente,  
 Ah! quanto eu fui cruel, patria! serás clemente!



RAPHAEL BORDAZZO PINHEIRO

Ao escutar estas estrophes sublimes sente-se como que um frio estranho a percorrer-nos toda a espinha e experimenta-se o desejo de que as mãos nos cresçam, a tornarem-se enormes, como enormes são aquelles versos, para condignamente applaudirmos obra tão peregrina.

Ouvindo aquellas palavras, os portuguezes sentem-se tamanhos que olham assim de alto para todas as glorias estrangeiras.